

OS USOS POLISSÊMICOS E O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM *AÍ* EM TEXTOS ORAIS E ESCRITOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Vanessa Barbosa de Paula (UFF)

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar o processo de gramaticalização do pronome locativo *aí*, focalizando as suas tendências de ordenação, bem como a polissemia de seus usos, em textos orais e escritos da fase contemporânea do português do Brasil. O trabalho insere-se no conjunto de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF e UFRJ, que investiga padrões de ordenação e de função dos advérbios no português do Brasil.

O *corpus* de língua oral é composto por 13 textos do *Projeto Norma Urbana Culta (NURC)* da Universidade Federal do Rio de Janeiro que integram o tipo de inquérito Diálogo entre Informante e Documentador (DID), gravados nas décadas de 70 e 90 do século XX.

Para análise da modalidade escrita, utilizamos entrevistas publicadas pela revista *Veja*. Julgamos haver correspondência entre os materiais selecionados para estudo por conta do tipo de registro empregado pelos mesmos. O projeto *NURC* constitui referência nacional para estudos da variante denominada “cultura”, entendida como a variante lingüística produzida por indivíduos com nível de escolarização superior. A revista *Veja*, por sua vez, pertencendo à considerada mídia de prestígio, faz uso do registro padrão da língua portuguesa.

Em pesquisa sobre o item gramatical objeto de estudo deste trabalho, Tavares (2001) observa que, em alguns contextos, o *aí* ganha traços de modificador como pode ser verificado no exemplo a seguir:

(1) Eu falei com um menino *aí*.

Segundo a autora, a frase acima pode ser ambígua, pois podemos fazer duas leituras: i. podemos considerar o *aí* como um dêitico locativo que indica um ponto no espaço próximo ao ouvinte (equivalendo a *nesse lugar*) ou ii. consideramos o *aí* um dêitico locativo que aponta um menino dentre um grupo de meninos (tendo valor semelhante à oração *um dos meninos dentre os que estão aí*).

A citada autora observa ainda a existência de um *aí* modificador, o qual forneceria ao sintagma um traço [+ específico], em outras palavras, o sintagma nominal faria referência a um menino específico, embora indefinido. Neste caso, o menino não estaria sendo apontado e poderia, até mesmo, estar ausente no contexto comunicativo.

Além dos valores acima atribuídos ao *aí*, há ainda o de seqüenciador encontrado de maneira recorrente nas narrativas e, principalmente, nos textos orais.

Nesse trabalho, buscaremos apresentar um panorama dos usos já mencionados e de outros possivelmente verificados no *corpus* analisado, descrevendo, assim, os usos polissêmicos do item *aí*.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Conduziremos nossa pesquisa à luz dos pressupostos do funcionalismo lingüístico, corrente lingüística que concebe a língua como instrumento de interação social e cujo foco de

investigação vai além da estrutura gramatical, interessando-se pela busca da motivação para os fatos da língua no contexto discursivo.

Em termos mais específicos, a pesquisa proposta tratará de questões relacionadas a um tema que tem ocupado um lugar de destaque na lingüística funcional desde a década de 1980, a saber, ao processo de gramaticalização.

Hopper e Traugott (1993) definem gramaticalização como o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

O estudo do processo de gramaticalização põe em evidência a tensão entre formas lexicais, relativamente sem restrições de uso, e a codificação morfossintática, sujeita a restrições de uso.

A gramaticalização é um processo caracterizado por um subconjunto de mudanças recorrentes translingüisticamente que envolvem alterações semânticas, morfossintáticas e, em alguns casos, fonológicas; alterações essas, induzidas pelos contextos de uso das formas.

Uma característica básica da gramaticalização é a unidirecionalidade. Parte-se do princípio de que uma mudança se dá numa trajetória específica. Heine *et alii* (1991) subespecificam essa característica geral em outras:

a) precedência do desvio funcional (conceptual ou semântico), sobre o formal (morfossintático e fonológico);

b) descategorização de categorias lexicais prototípicas;

c) possibilidade de recategorização, com restabelecimento da iconicidade entre forma e significado;

d) perda de autonomia de um elemento (uma palavra autônoma passa a clítica, um clítico passa a afixo);

e) erosão ou enfraquecimento formal.

Segundo Hopper & Traugott (1993), o caráter unidirecional da gramaticalização implica a consideração de uma escala como a seguinte:

Item de significado pleno > palavra gramatical > clítico > afixo flexional

Heine (1991) propõe, também, uma escala do tipo:

espaço > tempo > texto

Acerca da unidirecionalidade, Oliveira (2002) afirma que:

A esse respeito, no caso específico dos locativos, importa testar se, de fato, podemos falar numa derivação semântica espaço > tempo > texto, conforme a postulada por Heine et alii (1991), que teria ocorrido ao longo da trajetória da língua portuguesa. Pesquisas anteriores, como a de Oliveira (1997), que investigou os usos de onde em distintas sincronias do português, apontam, além de fenômenos de mudança, instâncias de estabilização e de variação nesses usos, o que enseja rever toda essa proposição que privilegia tão somente a perspectiva unidirecional.

Alguns autores que se dedicam ao estudo da gramaticalização têm buscado examinar os princípios que regem o processo. Hopper (1991) apresenta cinco princípios de gramaticalização. São eles:

1) Estratificação – coexistência de formas com função similar, que podem ou não ser estáveis. Dentro de um amplo domínio funcional, novas camadas emergem continuamente e as camadas velhas não são necessariamente descartadas.

2) Divergência – é um caso particular de estratificação, já que implica, também, coexistência de formas. Ocorre quando uma forma lexical se gramaticaliza passando a clítico

ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas alterações que sofrem os itens lexicais comuns.

3) Especialização – refere-se à possibilidade de que um item se torne obrigatório em razão da diminuição da possibilidade de escolha.

4) Persistência – refere-se à permanência do significado lexical primário.

5) Descategorização – diz respeito à mudança de classe, mudança categorial. Ao sofrer gramaticalização as formas tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e as características sintáticas próprias das categorias plenas nome e verbo, e assumir atributos característicos de categorias secundárias como adjetivo, particípio, preposição etc.

Nos estudos de gramaticalização, alguns processos cognitivos relacionados a situações de troca lingüística são considerados subjacentes à mudança lingüística. Dentre esses processos recebem maior destaque os seguintes: extensão metafórica, extensão metonímica, reanálise e analogia. Os citados mecanismos operam no uso cotidiano da língua, quando falantes e ouvintes adaptam funções e formas e alteram padrões gramaticais para estabelecer seus propósitos comunicativos.

O processo de extensão metafórica envolve transferência de domínios; dois conceitos diferentes são igualados pela similaridade de percepção de sentidos. Sendo assim, conceitos concretos são empregados para entender, explicar ou descrever fenômenos menos concretos, a experiência

não física é compreendida em termos de experiência física, o tempo em termos de espaço, a causa em termos de tempo. Incluem-se também, no processo de extensão metafórica, os casos em que o conceito emerge de uma orientação espacial — metáforas “orientacionais” — acima - abaixo, dentro-fora, frente - trás, central – periférico.

Na extensão metonímica, um significado é especificado em termos de outro que se faz presente no contexto comunicativo, ainda que por inferência. A transferência, neste caso, é através de contigüidade.

De acordo com Harris e Campbell (1995), a reanálise modifica a estrutura subjacente das construções lingüísticas (sintagmas, orações), envolvendo reorganização e mudança de regras lineares, sintagmáticas, freqüentemente locais. O recorte diferenciado do material lingüístico implica mudança categorial, isto é, transferência de um âmbito a outro.

A analogia, por sua vez, é o processo responsável pela generalização de uma forma para contextos lingüísticos diversos, pertinentes à sua nova função gramatical¹.

É comum ouvirmos falar em trajetórias translingüísticas de mudança. Esse caráter translingüístico de mudança das línguas é atribuído à ação dos mecanismos acima descritos, os quais atuam nas línguas em geral.

2. METODOLOGIA

A fim de investigarmos os usos polissêmicos do item *aí*, no português falado e escrito de usuários com nível de escolarização superior do Brasil, num recorte sincrônico, analisaremos 13 inquéritos do tipo (DID), que constituem parte do acervo do *Projeto NURC-RJ*, disponível no endereço eletrônico www.letras.ufrj.br/nurc-rj, assim como textos publicados pela revista *Veja*, no período de 2000 a 2008, na seção “Entrevista”.

As entrevistas do NURC foram gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX com informantes de nível superior completo, nascidos no Rio de Janeiro e filhos, preferencialmente, de pais cariocas e versam sobre temas variados. Embora o *corpus* de nossa pesquisa seja constituído por materiais coletados em décadas diferenciadas, acreditamos que

¹ Atualmente, autores como Traugott e Dasher (2002) consideram a mudança por analogia como gramaticalização.

pertencem a uma mesma sincronia, visto que, no estudo da língua, esse espaço temporal não é muito significativo.

Os textos da revista *Veja* submetidos à nossa análise são publicados numa seção fixa do periódico e têm como entrevistados pessoas com considerável representação em alguma área no Brasil e/ou no exterior. Os temas abordados, de maneira semelhante ao NURC, são diversos: educação, política, saúde, artes etc.

A fim de mantermos o máximo possível de correspondência entre os materiais em análise, consideraremos apenas as entrevistas da *Veja* realizadas com indivíduos que têm o português como língua materna.

Buscaremos, nessa pesquisa, coletar, observar e analisar qualitativamente as ocorrências polissêmicas do item *aí*, visando investigar seus diferentes estágios de gramaticalização.

3. OS USOS POLISSÊMICOS DO *ÁÍ*

3.1- Dêitico locativo

As formas que fazem referência a universais da experiência humana, representando aspectos concretos para nortear a orientação no ambiente são, segundo Heine *et alii* (1991), as que têm maior tendência à gramaticalização. Entre outros itens, recebem maior destaque os lexemas que designam partes do corpo, os verbos dinâmicos, os quantificadores e os demonstrativos básicos, especialmente os indicadores de espaço. Enquadra-se nesse caso o dêitico espacial *aí*.

Os dêiticos são palavras ou expressões utilizadas para apontar, no contexto extralingüístico, um objeto, pessoa ou lugar e introduzi-lo no discurso, estabelecendo relação entre o enunciado e suas coordenadas pessoais, espaciais ou temporais. Laury (1997) afirma que os dêiticos têm conexão real com o que significam, pois, como se fossem dedos, apontam para algo presente no contexto no momento mesmo da interação. Não é sem razão que seu uso é freqüentemente acompanhado por um gesto indicativo.

Vejamos alguns dados do *aí* locativo encontrados no *corpus* por nós analisado:

(1) (...) como aliás aqui não temos... engraçado... e aqui se explica por um motivo... não é... porque... você não sei se reparou... a divisa do... do fundo dessa vila com a Amendoeira... essa... essa... eh... oficina de automóveis enorme que tem **aí**.. então os muros são muito altos () não tem saída pelo fundo da vila e o ladrão que... que entrar aqui ele tem... ele corre o risco de... de... de ser encurralado... não é? de modo que nós não temos... não temos tido problema de ladrão... não... houve... uma vez... um sujeito que entrou aqui... entrou... aliás na casa dum vizinho... depois fugiu por aqui e foi embora... e um vizinho aqui deu um tiro pro ar e tal e coisa... mas nós não temos... não temos tido problema de segurança... não... (NURC-RJ/ DID 233)

(2) D: e esses outros assim... que a gente pode considerar meio de transporte por exemplo que a criANÇA usa... desde quando ele é menorzinho até... não é?
L: sim... enquanto ele é pequenininho tem esse carrinho pra empurrar ... depois ele começa com o velocípede... vai pra... pra bicicleta... não é?

D: as partes da bicicleta...

L: hum... tá **aí** a bicicleta... tá **aí** a bicicleta da garota... olha lá... tá **aí** a bicicleta da neta...

(NURC-RJ / 012)

(3) D: tem umas bicicletas que têm uma partezinha aqui...

I: mas essa bicicleta que tem essa parte **aí** são bicicletas pra homem... (NURC-RJ/ 012)

(4) se a minha senhora estivesse **aí** eu ia chamar pra ela... pra ela... te dizer... como é que ela vai transportar... (NURC-RJ/012)

(5) ... gosto de um bom lenço... trago lenço da Europa sempre... é outra coisa... esqueci de dizer... perfumes e lenços... trago... gosto... adoro lenço no pescoço... não sei se é pra tapar aqui um bocadinho... tapar aqui um bocadinho já as pelanca... mas eu sempre gostei... mas sou boêmia... desligada... nada curiosa... eu não sei se é por preguiça mental... você pode deixar um documento **aí**... se é uma carta sua... que eu não leio... eu não sei se é por falta de curiosidade ou por preguiça mental... (NURC-RJ/317)

(6) Anote **aí** (*lendo um papel*): eu respeito a pluralidade racial. Meu querido Kant tinha essa luta. Ele queria a paz entre os iguais. Ah, por favor, não me deixe parecer fútil nesta entrevista, sim? (*Veja*, 20/10/04)

Nas amostras apresentadas, o item *aí* faz referência a um lugar físico, concreto, ao mundo exterior e estabelece uma relação entre o que está sendo dito e sua coordenada espacial.

Em (2), (3) e (6) o dêitico espacial *aí* é utilizado para apontar, no momento da enunciação, o objeto sobre o qual se fala — a bicicleta e o bloco de anotações, respectivamente — marcando sua localização no mundo biopsicossocial. Em (1), (4) e (5) o *aí* se refere ao espaço mais imediato em que se realiza o evento de fala.

3.2- Especificador de SNs indefinidos

Tavares, no artigo intitulado “*Eu falei com um professor aí*”: Evidências semântico-sintáticas de professor de gramaticalização, considera que há três possibilidades de leitura para o *aí*: duas dêiticas e uma especificadora. O dêitico 1 é, de acordo com a autora, o locativo, aquele que aponta para um lugar no espaço físico. O dêitico 2 está relacionado à leitura dêitica espacial que indica não um lugar, mas um elemento dentro de um conjunto maior de elementos. A leitura especificadora, por sua vez, é aquela que acrescenta ao SN um traço [+específico].

Tendo em vista a análise da proposta de um *aí* especificador, a autora em questão examinou alguns dados extraídos de programas televisivos e especialmente sentenças criadas por ela, mas possíveis na língua. Observemos as sentenças seguintes utilizadas por Tavares (2001a):

(1) a. Várias meninas entraram correndo no meu quarto. Uma menina **aí** quebrou um vaso.

b. Várias meninas entraram correndo no meu quarto. Uma menina quebrou um vaso.

- (2) a. A Cátia deve vencer uma atleta **aí** se quiser ser a primeira do ranking.
b. A Cátia deve vencer uma atleta se quiser ser a primeira do ranking.

Na sentença (1a), o *aí* se refere a uma menina que está incluída no conjunto de meninas que adentraram o quarto. Desta forma há uma relação de partitividade implícita com um antecedente presente no contexto discursivo e interpretamos que se trata de uma menina específica, parte de um conjunto dado anteriormente. Também, em (1b), o SN é específico, pois apresenta leitura partitiva independente da presença do especificador. Certamente seria estranho dizer a sentença (1b) se a menina que quebrou o vaso não fosse uma das que entraram no quarto.

Se nas sentenças (1a) e (1b), ambos os SNs são específicos, o mesmo não acontece com dados (2a) e (2b). Em (2a), a interpretação é a de que Cátia deve vencer uma atleta específica. Já a sentença (2b), na qual temos um SN indefinido sem adjetivo de especificidade, torna possível a interpretação de que se Cátia vencer qualquer atleta, será a primeira do ranking.

Denota o caráter de especificidade do item *aí* a propriedade que o mesmo possui de barrar a leitura genérica de sentenças:

- (3) a. Um gato come carne.
b. Um gato **aí** come carne.

A sentença (3a) pode ter leitura genérica, isto é, todo gato come carne; e pode também ter leitura específica, isto é, num grupo de gatos, um come carne. A sentença (3b), no entanto, só admite leitura específica, consequência do traço [+ específico] de *aí*.

Segundo Tavares (*op.cit.*), como *aí* dêitico 2 segue um SN, não deve derivar de usos do *aí* dêitico 1 seguindo verbos como a sentença: “Não senta **aí** que é perigoso”, mas sim de usos de *aí* seguindo SNs, como a seguinte sentença: “Eu falei com um professor (exatamente) **aí**.”

Seguindo no mapeamento da fonte do *aí* especificador, a autora em questão afirma que provavelmente trata-se de um *aí* dêitico 1 seguindo um SN indefinido posicionado depois do verbo (geralmente um objeto direto ou indireto), mas não um *aí* dêitico 1 seguindo um SN indefinido anteposto ao verbo, isto é, um SN sujeito. Observemos os exemplos por ela analisados:

- (4) Eu falei com um professor **aí**.
(5) Um professor **aí** comeu a maçã.

A pesquisadora argumenta que quando o SN indefinido seguido pelo *aí* está posição pós-verbal, podemos ter o dêitico 1, o dêitico 2 e o especificador. Entretanto, quando o SN é sujeito da oração, podemos ter apenas o dêitico 2 e o especificador. A sentença “Um professor nesse lugar comeu uma maçã” parece não ser, na análise de Tavares, possível na língua.

No caso do *aí* especificador, há a exigência de o mesmo ocupar uma posição adjacente ao SN. Esse fato é um indício de que ele integra o SN. Uma diferença entre o dêitico 2 e o especificador é que enquanto aquele permite a inserção de um sintagma partitivo e/ou uma oração relativa entre si e o nome, o especificador mantém-se mais fortemente ligado ao nome, vindo imediatamente adjacente a ele.

Dos três usos propostos por Tavares (2001), o dêitico 1 é o que apresenta maior independência sintática, pois pode ter sua posição alterada sem necessitar do acompanhamento do SN. O dêitico 2 e o especificador, por ligarem-se a um SN, sofrem as restrições típicas de um qualificador de nome: aparecem somente junto ao SN.

As ocorrências de *aí* como especificador de SNs indefinidos mapeadas no *corpus* analisado foram as seguintes:

(7) ... e dentro dos instrumentos de corda o o a viola... o próprio contrabaixo que eu já falei... o violão... o violino... é... o banjo... o cavaquinho... a viola sertaneja... a guitarra portuguesa... e uma infinidade de outros **aí** que não (es)tão ocorrendo agora... (NURC-RJ/012)

(8) então dentro desse peso me parece que o mais o o o o que vem assim inferiorizado na classificação... é o peso pena... isso de um modo genérico... que nas próprias classificações há há... há gradações como:... bom... dentro de uma escala **aí** é... viria primeiramente o peso pena... depois me parece que o peso galo... depois o peso médio... que se divide em médio ligeiro qualquer coisa assim não me lembro bem... e depois o peso pesado não é? (NURC-RJ/012)

(9)... Copacabana é uma curtição... mas é o fim do mundo pra viver... do meu ponto de vista... agora... tem gente que briga um bocado pra morar em Copacabana... se bem que a moda agora... Copacabana já era... agora é Leblon... Ipanema... mas vão transformar Leblon e Ipanema em outras Copacabanas... então... o que que a gente pode fazer? nada... é isso minha () apenas berrar... é o que a gente faz... um... um grupo **aí** vem fazendo há uns dez... doze... sei lá... desde que eu me formei... em sessenta... a gente vem nessa briga e talvez antes ainda... com o Diretório Acadêmico...(NURC-RJ/135)

(10) se eles...} se eles partirem realmente... bom... isso aqui é no nordeste... se eles partirem realmente pra destruição eu tenho a impressão que vai se conseguir não a curto prazo se destruir aquilo... mas a... a... a luta está apenas começando... no meu ponto de vista... quer dizer... com toda/ outro dia mesmo eu estava conversando com um grupo de pessoas **aí**... papo... cafezinho... com todo esforço que eles estão fazendo... de Transamazônica... (NURC-RJ/135)

(11) paletó... paletó e gravata... já: achava bonita... até... aquela combinação de gravata com a ca/ com a camisa... achava bonito... de modo que houve uma... uma fase que eu estranhei essa coisa de... de eles não usarem mais paletó... nem que seja um 'blaser'... uma coisa... nem isso... porque... ah... houve uma... uma época **aí** que me espantava... porque eles iam mesmo em manga de camisa... mas isso passou... hoje em dia acho que é válido e ...(NURC-RJ/317)

(12) eu tenho amigas assim... quando eu digo que tenho um sobrinho de sete anos que é lindo... ela está achando que o filho dela de sete anos não é bonito... quer dizer... eh... eu já cheguei à conclusão que está havendo uma perturbação qualquer **aí**... não sei... porque na ... então minha mãe nunca chegou pra mim dizendo... L... você tem que ser justa... agora... eu vi os exemplos dela... então... com meus irmãos... quando eu achava que eles erravam... eu achava... eu dizia... meus amigos... quando eu erro... eu digo... digo... não... mas penso e sinto e afirmo que estão errados... agora... não foram palavras de minha mãe... ditadas por mamãe... absolutamente... foram os exemplos que ela deixou em mim...

(NURC-RJ/317)

(13) você não sabe que tinha uma mulher **aí** na cidade que... que se pintava muito e a gente olhava pra ela e ela desatava em palavrão... e alguém gritava de longe... perua... pra quê? amanhã... se eu sair com um sapato vermelho e outro preto... vão pensar que eu estou gagá... que eu estou com esclerose ((risos))... Não posso... isso eu não posso... (NURC-RJ/373)

(14) é... agora... você vê... tudo é no banco e dentro do prazo... porque se facilitar... não é? é isso é que me parece o lado prático... agora a coisa é essa... agora... um meio de ganhar isso... isso está muito... eh... os ordenados estão muito diferenciados... não se pode mais fazer uma idéia... né? você vê... a pessoa tem do/ normalmente dois... três empregos... e conversando... outro dia... com umas moças **aí** da biblioteca e elas me disseram... dois... três... olha... já tem gente com quatro empregos... eu disse... e como é que atende a todos? não atende... (NURC-RJ/373)

Das amostras acima apresentadas, a (7) parece enquadrar-se no caso de uma construção ambígua entre o dêitico 2 e o especificador de SN, conforme a proposta de Tavares (2001a), pois são possíveis duas leituras: na primeira, podemos considerar o *aí* como um dêitico locativo que aponta para um instrumento de cordas dentre uma gama de outros não lembrados no momento da interação ou consideramos o *aí* modificando o sintagma indefinido [uma infinidade de outros], acrescentando-o a noção de especificidade.

Em (8), (9), (10), (11), (12), (13) e (14), o item *aí* nos parece mais fortemente ligado aos nomes aos quais se refere, marcando-os positivamente para a especificidade e possibilitando a leitura de que se trata de pessoas ou eventos específicos, apesar de por algum motivo (falta de importância, esquecimento etc.) serem indeterminados.

3.3- Seqüenciador

Além dos valores já apresentados para o locativo *aí*, temos ainda o valor de seqüenciador. Via gramaticalização, o item *aí* se deslocou para o início da cláusula, assumindo o papel de conector.

Uma vez conector, *aí* passou a codificar, entre outras funções, a de seqüenciação temporal, seqüenciação textual e adversão.

Como seqüenciador temporal, o *aí* coloca em evidência a ordenação temporal cronológica dos fatos narrados, mostrando que o evento seguinte se dá depois que o anterior é concluído:

(15) e esse fogão da fazenda é uma maravilha... conservado por uma empregada antiqüíssima... então... o grande prazer dela é depois que termina toda função de alimentação e de alimentar aqueles vândalos... de arear os metais... passar Brasso... então o fogão fica

lindo... maravilhoso... **aí** chega na hora do jantar bota lenha fica tudo pretinho outra vez... não tem importância... todo dia ela faz a mesma coisa... (NURC-RJ/012)

(16) (..)e entramos... as crianças... ch/ apavoradas... mas ninguém com coragem de demonstrar... nós não tínhamos nada... bom... começou realmente a chover porque estava ameaçando a chover e um vento... sabe dessas coisas de cinema... aquele "Morro dos Ventos Uivantes"... o vento batendo... as janelas batendo... aquela coisa toda... aí nós ficamos meio assim... vamos esperar passar a chuva... não sei mais o quê... está bom... **aí** sentamos no chão... ficamos contando história pras crianças... brincando... de repente... nós escutamos um barulho... mas uma coisa assim... nós nos olhamos... nos entreolhamos e fo/ alguém tem que saber o que que está havendo... né... porque o barulho não é normal... **aí** fomos ver... as três juntas de mãos dadas... pálidas... brancas... só faltava os cabelos estarem eriçados... disfarçando pras crianças... dois cavalos entraram dentro da casa e começaram a... a ficar... ficaram desesperados... estavam presos... né? mas faziam um barulho ensurdecedor... mas não foi nada de mais não... deu susto... deu... (NURC-RJ/012)

(17) bom... eu quando me ve/ me lembro de construção não sei mais o quê... eu sempre me lembro do... do ((riso)) operário caindo do andaime... caindo na contramão e atrapalhando o trânsito... não... eu tenho a impressão que deve começar em primeiro lugar num gabinete... é evidente... né? com alguém... uma mente qualquer trabalhando em função do edifício... certo? **aí** você bota o... o engenheiro... o arquiteto... você bota pro papel... do papel você bota num... pra prática e depois de passar por uma burocracia tremenda de aprovação de planta eh... compra de terreno e divisão de terreno e sondagem de terreno... burocrático... incorporam o edifício... vendem o edifício... compram o edifício... compram os apartamentos... sei lá... acho que deve ser assim... (NURC-RJ/012)

(18) bom... pro comércio... isso é um grande negócio... não é... que ele atrai pessoas ali... então o sujeito ... geralmente o sujeito que vive em cidade grande é um chato que não tem nada que fazer no sábado e domingo... não é? ele vê televisão... **aí** depois de certo tempo também enche da televisão... um sujeito que não gosta de ler... tem horror de ler... (NURC-RJ/373)

(19) A reforma vai ser aprovada, com certeza. A comissão especial cumprirá o prazo regimental de quarenta sessões para analisá-la. **Aí** vai para a votação em plenário. Quem tem poder de colocá-la na pauta sou eu. E vou colocá-la. Isso eu garanto. Não estou dizendo isso por arrogância, mas para que os envolvidos não trabalhem com a idéia de que ela não será feita. Então, que todos se mobilizem para defender seus pontos de vista. Não contem com a omissão da Câmara. (Veja, 21/05/2008)

Assumindo a função de seqüenciador textual, *aí* põe em relevo a relação de continuidade discursiva existente entre as informações anteriores e posteriores, indicando que a informação que está sendo introduzida se relaciona com as demais:

(20) ah... agora é outra coisa ... e o mais engraçado é que me aconteceu que eu fiquei esperando neném sem saber que estava esperando... e... quando eu soube a notícia quando eu saí do consultório médico desespero que me dava... como vou sair da minha casa? como é que vai ser... né? problema tremendo... como é que eu vou botar mais uma criança num apartamento de dois quartos? meio complicado... e depois meu marido também estava com ... nós estávamos com uma série de dificuldades... **aí** resolvemos deixar pra lá... o neném nasce quinze de outubro... nasce quinze de outubro e no dia trinta de junho... de julho nós não tínhamos um lugar ainda pra ficar... né? (NURC-RJ/012)

(21) [tem... é, o prédio está uma verdadeira bagunça... nós mudamos de um edifício já bem antigo e quer dizer que com condomínio superorganizado... regulamento interno e essas coisas todas... nós chegamos nesse aqui que é um prédio novo e todo de casal novo... que é um... é financiado pela COPEG... você já viu... quem compra pela COPEG é porque é casal ((riso))... tem seus problemas... então é uma verdadeira bagunça... domingo de manhã o... o infeliz que bota o carro no final da... da garagem sofre horrores... porque às oito horas da manhã tem alguém que está querendo sair... né? então bate na sua campainha... não tem manobreiro... **aí** você tem que descer... acordar o pobre do marido... com um mau humor ter... tremendo... aí essas coisas... Hoje inclusive tem uma reunião... vamos tentar organizar o edifício... (NURC-RJ/012)

(22) eu adorei o tal do acarajé... porque quando serviram aqui uma vez... eu vi e não gostei... sabe... mas de/ feito pela/ por uma baiana... eles lá indicaram... ah... vai na fulana... que a fulana serve muito bem o acarajé... nós fomos... **aí** eu gostei muito... eu gosto muito de coisa misturada assim com azeite-de-dendê... (NURC-RJ/328)

(23) (.) as frutas que são colocadas são frutas leves... normalmente eles colocam abacaxi... colocam mamão... a não ser às vezes eles colocam melancia... que pra mim eu acho um pouquinho indigesto... mas eu geralmente quando eles têm assim pra escolher no... no... nos hotéis... **aí** eu geral/ geralmente escolho mamão... escolho abacaxi... e sei lá... eu acho que você fica se sentindo assim mais leve... (NURC-RJ/328)

(24) **V:** O senhor vê em Lula alguma inclinação a arroubos autoritários como os de Chávez?

C: Há uma armadilha **aí**. Os escândalos políticos não colaram no presidente porque ele é um distribuidor de benefícios. No atual mandato, a instituição que mais se desmoralizou foi o Congresso (Veja 26/12/07)

(25) O episódio do dossiê foi bom para dar um alento a essa comissão, para a investigação pegar. Tem de investigar, tem de abrir tudo. Fernando Henrique fez uma carta para Arthur Virgílio pedindo para abrir todas as suas contas. Lula devia seguir o exemplo e fazer uma carta para o Romero Jucá (*líder do governo no Senado*) para abrir tudo isso **aí**. Não há nenhum problema de segurança nacional. Não vejo como essas despesas possam ameaçar um

governo. Usar argumento de segurança nacional é coisa de ditadura, de regime autoritário. Essa tese não combina com a democracia. O lixo do presidente da República não é diferente do lixo de nenhum contribuinte. A mordomia faz parte do poder. Lula como presidente da República e eu aqui como presidente do Senado temos direito a uma certa mordomia. Mas isso deve ser totalmente transparente. (Veja 21/05/2008)

(26) Recebo e-mails surpreendentes de pessoas que perguntam: "Como a senhora tem coragem de interromper uma vida?". Respondo: "Você sabe que esses embriões nunca foram implantados num útero? Você sabe que eles são resultantes de fertilização in vitro?". O remetente, a seguir, pergunta: "Doutora, mas o que é fertilização in vitro?". Já tive vários exemplos desse tipo de desinformação. Recentemente, um padre me mandou um e-mail observando que a grande maioria dos religiosos não teve a oportunidade de aprender ciências e biologia da mesma forma que a população em geral. Quando se aprovou a Lei de Biossegurança, em 2005, permitindo a pesquisa com células-tronco embrionárias, demos aulas para os senadores e deputados. Muitos deles, que primeiramente haviam votado contra as pesquisas, porque não entendiam do assunto, votaram depois a favor. **Aí** se vê a diferença que faz a informação. É bom lembrar que a Lei de Biossegurança foi aprovada com ampla maioria, depois de uma grande discussão no Congresso. Não foi na calada da noite. Ela obteve o aval de 96% dos senadores e 85% dos deputados. (Veja 05/03/08)

Em (20), (21), (22) e (23), desempenhando o papel de seqüenciador, o *aí* equivale a conectores comumente usados na expressão de consequência ou conclusão, como por exemplo, *então* ou *por isso*. Nas amostras (24), (25) e (26), o item *aí* parece codificar a função de referenciação textual, pois faz referência a porções do discurso anteriormente expostas; ou, até mesmo, a informações presentes na fala do entrevistador como em (24). Esses casos exemplificam a extensão funcional *dêixis espacial* > *anáfora*, pois, neles, a natureza do apontamento realizado pelo *aí* é modificada: deixa de se relacionar ao mundo externo (função dêitica) e passa a se relacionar a um ponto do discurso (função anafórica).

Expressando adversão, o *aí* exhibe um contraste, uma antítese entre as informações conectadas:

(25) (...)eu criei M.L. sem religião... eu não queria mesmo... está entendendo... estava disposta a criar M.L. atéia... com dois anos foi que eu resolvi que ia criar um monstro... né... **aí** mudei de opinião... mas quando eu fui pra Niterói foi que eu tive oportunidade... está entendendo... de... de... foi em Niterói que eu comecei a... a es/ estudei esoterismo... depois deixei... estudei rosa-cruz... deixei também e agora estou no... no espiritismo kardecista... né... que o outro... o outro ... NURC-RJ/261)

(27) ... eu sempre tive escrúpulo de dizer que eu era formada... entende... então quando eu me formei mamãe queria me dar um anel ((risos)) ... ah... anel... não... dia que eu botar um anel no dedo tem que responder por ele... anel não... **aí** então ela não insistiu (NURC-RJ/261)

(28) Se o mensalão for considerado um esquema de caixa dois envolvendo partidos políticos, é óbvio que existiu. Se disserem que foi uma mesada repassada mensalmente a deputados pelo governo, **aí** já não dá para afirmar que existiu. Esse repasse, apontado pelo Roberto Jefferson, nunca foi provado. (Revista *Veja* 21/05/2008)

3.4 – O **AÍ** NAS “UNIDADES PRÉ-FABRICADAS”

Até aqui, os valores polissêmicos do item *aí* demonstraram sua relativa mobilidade. No entanto, encontramos também o *aí* em construções sintáticas mais ou menos fixas, formando o que os autores vêm denominando “unidades pré-fabricadas”.

As “unidades pré-fabricadas” são definidas por Erman e Warren (2000) como convencionalizações de termos em seqüência, de tal modo que, uma vez sistematizados no trato social, “aprendidas”, via repetição, essas unidades tornam-se um modo eficiente e regular de prática comunicativa, constituindo-se num dispositivo efetivo de uso, tanto na modalidade falada quanto na escrita.

Nas referidas construções, o *aí* passa a integrar um todo semântico-sintático que, na maioria das vezes, torna-se indecomponível. Vejamos as ocorrências encontradas:

(29) ... pra mim tanto faz verão como inverno... eu sinto vibração assim por eu achar um tempo mais... mais interessante... mais agradável assim... eu gosto muito de... de fim de... de ano assim... em termo de dezembro... quando começa a chegar o calor... a praia... **mas aí** não é bem o... o tempo... quer dizer... o tempo físico... assim material... (NURC-RJ/135)

(30) *aí* vem a história do Rio de Janeiro... que é um... é um morro muito bonito... que tem ali o Corcovado e Rio de Janeiro é do Corcovado pra praia... né... depois... atrás... tem o resto e vem o Cristo que () frente... que está de braços abertos... pra frente é o Rio... pra trás é o resto... e então eles procuram esconder as tais favelas... mas isso não é solução de coisa nenhuma... então o Departamento de Estradas de Rodagem faz lá su... suas vias... seus viadutos... sua... suas estradas... a turma do/ da/ de COHAB vai construir suas vilas Kennedy com todos os problemas e por *aí* a gente vai embora... **mas aí** eu já começo a... a fugir do... da história do tempo... que eu quero disciplinadamente ficar... (NURC-RJ/135)

(31) Eu estava deixando o cabelo crescer lá em Palm Springs, **mas aí** vi um corte legal numa revista e fui a um salão. Eles disseram que o cara tinha feito luzes. Pedi para botarem luzes aqui na frente. Eles colocam uma touca na gente e vão puxando os fios com um ferrinho. (*Veja*, 23/01/02)

(32) Chamei de autocrítica, mas talvez seja mais adequado dizer que tomo cuidados adicionais que não tomava antes. Por exemplo: outro dia entrei numa loja para comprar um short. Era um modelo bem curtinho. Na parte de trás, ele tinha forma de saia. Quem me visse de costas ia pensar que eu estava usando uma minissaia minúscula. Mas era um short. As vendedoras da loja me elogiaram, disseram que poucas clientes tinham corpo para usar uma roupa daquela. Eu até pensei em comprar o shortinho. **Mas aí** lembrei que não tinha mais 20 anos. Seria um mico uma mulher de minha idade usar o shortinho. Desisti de comprar. (*Veja*, 15/01/03)

(33) É uma questão de realização pessoal. Quase tudo o que eu faço está relacionado com dinheiro. Posso até estar fazendo um bom programa de televisão, com boa audiência e tudo, mas, se não está entrando dinheiro dos patrocinadores, não estou contente. Dinheiro tem de estar na mão certa. Tem de estar na mão de quem sabe gastar. Dinheiro pequeno é que se gasta errado. É a bobagem que sai toda hora do bolso. É o dinheiro que você troca e desaparece. Dinheiro pequeno é gastar à toa. Dinheiro grande eu gasto mesmo. Gosto de Rolex, de Mercedes-Benz, de BMW... Já comprei dois Rolex no mesmo mês. Um deles custou 6 000 dólares. **Mas aí** vi uma amiga com outro, com fundo de brilhante, e não resisti. Paguei 10 000 dólares por ele. Quando lançaram o jipe Cherokee, na década de 90, eu estava prestes a viajar para Arraial d'Ajuda, na Bahia. Comprei um por telefone. (Veja, 8/8/7)

Em (29), (30), (31), (32) e (33) vemos a utilização pelos falantes da construção *mas aí*. Nessa construção, o *aí* se une à conjunção adversativa *mas*, estabelecendo com ela a conexão entre as partes do discurso. Podemos notar que na construção em questão o sentido dêitico do locativo *aí* está bastante abstratizado.

(34) ((riso)) a mobília é de madeira daquelas antigas... pesadas... mas sem... absolutamente sem nada torneado... retinhas... típica mobília de fazenda... quando nós casamos... nós não pudemos comprar nossa mobília... então mandamos vir da fazenda e até hoje continua conosco ... **está aí** ... (NURC-RJ/012)

(35) ... **está aí** as duas rodas... duas rodas... aqui o guidon... aqui chama freio... não é? isso aqui é o freio dela... aqui está a corrente... está ouvindo? transmissão... aqui está o pedal... (NURC-RJ/012)

Em (34) e (35), a unidade pré-fabricada *está aí* funciona como um elemento mostrativo. Na primeira, a mobília da casa é apresentada no evento de fala e, na segunda, é feita a apresentação de partes da bicicleta.

Oliveira (2003) afirma que a construção *está aí* é uma possibilidade de inversão da forma *aí está*. De acordo com estudo produzido pela autora, o vínculo semântico-sintático dessa construção é tão forte que poderíamos substituí-la por um único termo, como por exemplo, *eis*.

O uso recorrente da forma *está aí/ aí está* como referência anafórica e locativa parece tê-la consagrado como forma regular de expressão mostrativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, que constitui a etapa inicial de nossa pesquisa de mestrado, apresentamos, num recorte sincrônico, um panorama dos diferentes usos do item *aí*, na tentativa de perceber seu processo de gramaticalização.

Vimos inicialmente a utilização do *aí* como dêitico espacial, fazendo um apontamento para o mundo exterior, em seguida, lançando mão da proposta de Tavares (2001), percebemos o possível desdobramento do dêitico espacial 1 num dêitico 2 apontando para as redondezas e culminando no especificador de sintagmas nominais indefinidos.

Seguindo a trajetória de gramaticalização de *aí*, identificamos a utilização deste item com valor textual, realizando a seqüenciação temporal e textual entre partes do discurso.

Por fim, verificamos a presença de *aí* como um componente das chamadas “construções pré-fabricadas”, revelando ter alcançado um estágio considerável no processo de gramaticalização.

Cada uma dessas etapas de mudança advém de um uso inovador, baseado em processos metafóricos, metonímicos, de reanálise, de usos anteriores de *aí* que foram aceitos e rotinizados pelos usuários da língua.

5. BIBLIOGRAFIA

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CUNHA, Celso Ferreira da e CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de e MARTLOTTA, Mário Eduardo. (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ERMAN, Britt e WARREN, Beatrice. The idiom principle and the open choice principle. *In: Linguistic - an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.

GONÇALVES, Sebastião C. Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia e CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. Vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GORSKI, Edair; ROST, Cláudia Andréa e DAL MAGO, Diane. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. *In: CRHISTIANO, Maria Elizabeth A. et alii (org.). Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004.

HARRIS, Alice; CAMPBELL, Lyle. Reanalysis. *In: Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 61-96.

HEINE, Bernard *et alii*. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike e HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth e HEINE, Bernd (org) *Approaches to grammaticalization. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues*, Amsterdam: John Benjamins, 1991.

HOPPER, Paul e TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILARI, Rodolfo *et alii*. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do português falado: a ordem. Vol. I*. São Paulo: Editora da UNICAMP/ FAPESP, 1990.

LAURY, R. *Demonstratives in interaction: the emergence of a definite article in Finnish*. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. *Ordenação de advérbios locativos: uma proposta de abordagem funcional*. Cadernos do CNLF, série VI, nº 09- Estudos de sintaxe, 2002. Disponível em www.filologia.org.br.

_____. *A expressão adverbial de lugar*. Cadernos do CNLF, série VII, nº 11, 2003. Disponível em www.filologia.org.br.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Metáfora, 2002.

TAVARES, Maria Alice. *Abordagem pancrônica à gramaticalização de daí como conector*. Londrina: Ed. UEL, 1998.

_____. *“Eu falei com um professor aí”*: evidências semântico-sintáticas de um professor de gramaticalização. Cadernos do CNLF, série V, nº 1, 2001a. Disponível em www.filologia.org.br

_____. *Um especificador aí*. São Paulo: Delta v.17, nº 2, 2001b.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs e DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura e MARTELOTTA, Mário. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.